



A LAMPREIA

Editora Brasiliense Ltda.

Coleção Emilia





le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MONTEIRO LOBATO

Alcemyria



ILUSTRAÇÕES DE MARIA
DEL CARMEN HIDALGO

COLEÇÃO EMILIA: EDITORA BRASILIENSE LTDA. - SÃO PAULO



POMAR DE DONA BENTA estava tão velho, que o tio Barnabé, um dia em que com Pedrinho lidava na horta, disse:

— Se sinhá continua teimando em não replantar as arvores de fruta, um dia ela vai lá e encontra jaboticabeira dando pitanga e pitangueira dando jaboticaba...

— Por que? perguntou o menino.

— Porque as arvores são como a gente: quando ficam de certa idade, garram a caducar, eh, eh, eh!... e deu uma daquelas suas risadas com todas as gengivas de fora.

Pedrinho ficou com aquilo na cabeça, e um belo dia resolveu pregar uma peça na vóvó, num dia em que dona Benta, Narizinho e Emilia foram passar a tarde na fazenda do coronel Teodorico. Em que consistia a peça? Ah, em trocar as frutas das arvores. Trepou na pitangueira com o bolso cheio de jaboticabas das de cabinho.

e amarrou-as com toda a paciência no engão das pitangas, de modo a dar ideia de que aquela arvore produzia pitangas e jaboticabas ao mesmo tempo. Depois foi a um pé de manga e substituiu doze mangas por doze abacates, e foi pendurar as doze mangas no abacateiro — e mais coisas assim andou fazendo por lá.

Quando a vóvó voltou da casa do coronel, lá foi ele chama-la para ver uma beleza de tatorana verde, toda enfeitada de raminhos nas costas, que ele descobrira no tronco da pitangueira.

Dona Benta foi e viu, e muito se admirou da tatorana. Depois, erguendo por acaso os olhos, deu com umas coisinhas pretas num galho da arvore a uns quatro metros do chão. Franziu a testa.

— Que é aquilo, Pedrinho? perguntou.

Ele fingiu não perceber nada.



— Aquilo, o que vóvó?

— Ali, naquele galho, e dona Benta apontou com o dedo.

Pedrinho olhou e também franziu a testa, fingindo muito bem.

— Não estou entendendo nada, vóvó. Parecem jaboticabas... e trepou na pitangueira para ver de perto — e viu, e “assombrou-se”, e colheu umas tantas, descendo em seguida. E com os olhos arregalados:

— Veja, vóvó, que fenomeno! Jaboticabas! Esta pitangueira está dando jaboticabas... Bem disse o tio Barnabé que as arvores depois de certa idade caducam, que nem gente.

Dona Benta riu-se e disse filosoficamente:

— Meu filho, é possível que você engane tia Nastacia, Narizinho e Emilia; mas eu tenho mais de sessenta anos durante os quais estudei muito. Sei — está ouvindo? — sei que as leis naturais não têm exceções. E que se essa pitangueira está dando jaboticabas, não quer isso dizer que tenha havido qualquer alteração no mundo, e sim que algum “espírito santo de orelha” fez o milagre — e sacudiu o queixo do menino.

Dona Benta não “caiu”, mas Narizinho caiu. Meia hora depois aparecia no pomar em busca de mangas, e ao dar com os abacates na mangueira, assombrou-se e foi voando contar aos outros.

— Venham ver! Venham ver a maravilha! A mangueira está dando abacates... e





quando descobriu que era brincadeira do menino, não se zangou; tratou mas foi de ir buscar tia Nastacia afim de passar o logro adiante. A pobre negra caiu como uma pata choca. Ficou de boca aberta vendo abacates na mangueira e jaboticabas na pitangueira. E quando Pedrinho veio com historia de que aquilo bem podia ser caduquice de arvore muito velha, concordou imediatamente.

— Pois ha de ser isso mesmo, disse. Arvore é como gente.

Nasce, cresce, fica doente e morre — tudo igualzinho. E ficam caducas, como eu estou vendo...

Daquela brincadeira nasceu no visconde de Sabugosa a ideia de fazer as arvores darem duas e tres e até quatro frutas diferentes, por meio de enxertos. O visconde tinha profundos estudos de genetica, que é a “ciencia da hereditariedade” dos seres

vivos, animais ou vegetais. E tantos e tão engenhosos enxertos fez naquele pomar que conseguiu coisas maravilhosas, verdadeiros milagres, como um pé de jaboticaba que produzia grumixamas, cerejas, ginjas e outras frutas da mesma família — a família das Eugénias. Com tanta variedade de frutas, essa árvore parecia uma fruteira em cima da mesa — e Emilia batizou-a com esse nome, a Fruteira, com F grande.

Vinha gente de longe ver o prodigioso pomar de Dona Benta e um dia, sabem até quem apareceu por lá? Aquele doutor Caramujo que curara a mudez da Emilia com suas pilulas falantes.

— Verdade isso?

— Sim. Emilia estava mexendo num dos enxertos do visconde quando viu a certa distancia, de nariz para o ar, uma figurinha muito sua conhecida. Será o doutor Caramujo? disse ela consigo. E para certificar-se





gritou: “Doutor Caramujo! Doutor Caramujo. Não me conhece mais?”

Ao ouvir-se nomear, o caramujo voltou-se e ela pôde ver que era ele mesmo. Que alegria! Os dois abraçaram-se, e foram tantas as perguntas de um lado e de outro, que nem tinham tempo de responder. Por fim Emilia pediu notícias do príncipe Escamado.

— Está ainda solteiro?

— Não. Casou-se, afinal.

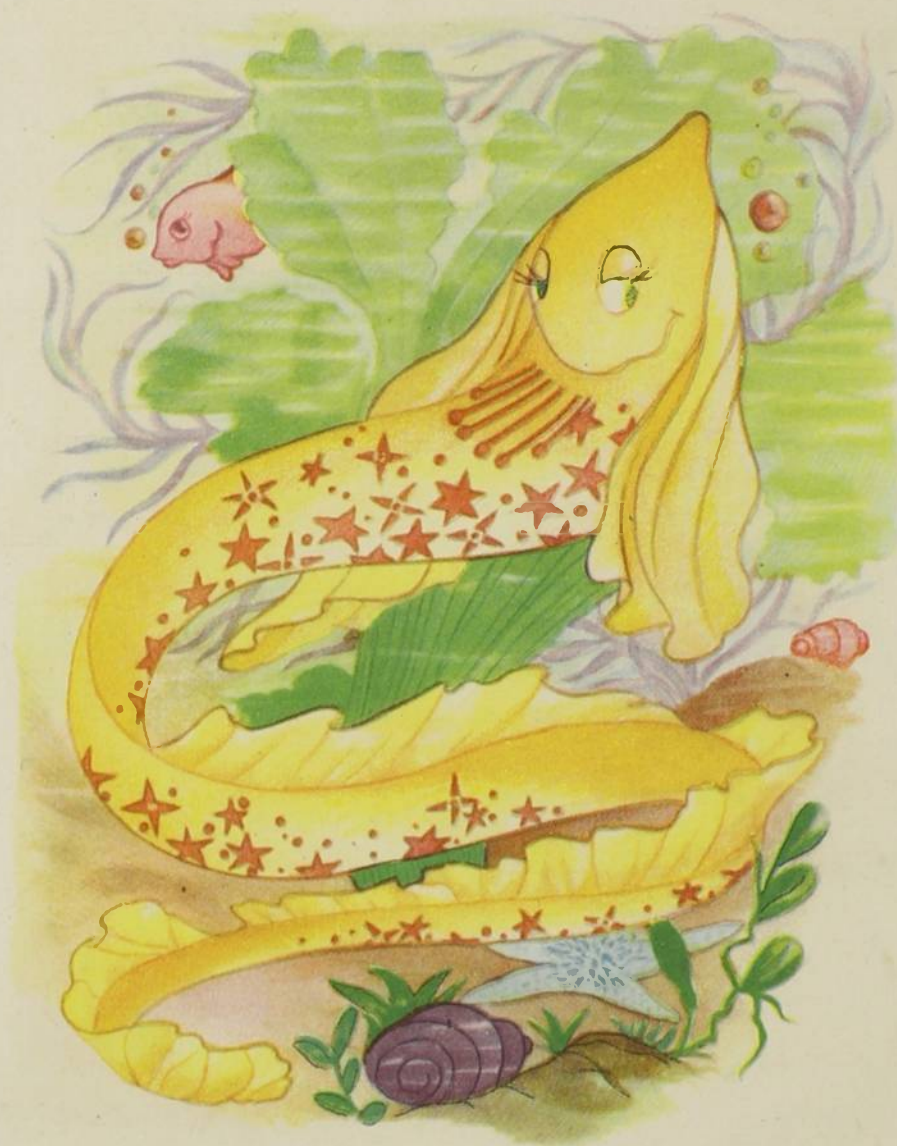
— Com quem? perguntou Emilia, curiosíssima.

— Com uma lampreia, respondeu o doutor — e Emilia, não querendo revelar a sua ignorância do que era “lampreia”, limitou-se a dizer:

— Veja só!...

Mas depois que o doutor Caramujo se foi, ela saiu correndo em procura do visconde. Encontrou-o a contar os pés duma





centopeia para ver se não errara a conta e tinha cem mesmo.

— Que é lampreia, visconde?

O sabuguinho científico estava cada vez mais sabio, de maneira que não havia o que não soubesse. Respondeu que nem um livro:

— A lampreia é um habitante das aguas do tipo das enguias, que mais parece cobra. Tem uma boca muito especial — boca de ventosa, com a qual adere a um casco, pedra ou madeira qualquer, e ali fica dependurada, para descansar.

— Como os morcegos, que tambem descansam e dormem dependurados.

— Sim, a lampreia adere á madeira para descansar e tambem adere a outros peixes... para sugar-lhes o sangue.

— Que desaforo! berrou Emilia. Como?

— A lampreia adere ao peixe e com os terríveis dentinhos que ha dentro da ventosa dilacera a carne do peixe, de modo que possa por ali chupar-lhe o sangue.

— Então é uma monstra! exclamou Emilia indignada. E se casou com o principe Escamado, é bem capaz de sugar-lhe o sangue e deixar o pobre-zinho reduzido a bagaço, sem uma só gota de vida no corpo. Vou já contar isso a Narizinho — e foi.

— Sabe quem apareceu no pomar? O doutor Caramujo. E sabe o que me contou? Que o principe se casou com uma lampreia.

Narizinho não sabia o que era lampreia. Perguntou. E quando soube que as lampreias aderiam com a ventosa á carne dos peixes, perfurava-a e chu-



pava o sangue, encheu-se de dó do príncipe-peixe, que daquela vez “quasi” se casara com ela. (O que atrapalhou foi aquele estrondo na cerimonia do casamento, como está contado em REINAÇÕES DE NARIZINHO) Mesmo assim considerava-se ligada a ele, e não podia consentir que o gentil peixinho estivesse casado com uma horrível lampreia. E concebeu a ideia de salva-lo.

Foi voando em procura de Pedrinho, a quem contou tudo. Pedrinho só disse: “Eu curo essa lampreia malvada. Vou lá no reino das Aguas Claras e pesco-a”.

A pesca da lampreia foi planejada minuciosamente por Pedrinho, o visconde e Emilia. Cada um queria uma coisa. A ideia de Emilia era uma bomba atomica dentro dum bolo; a lampreia comia o bolo e estourava. “E o Reino inteiro estourava tambem! objetou Pedrinho. Idéia mais boba nunca vi.” O visconde pensou na tarrafa do tio Barnabé; atraíam a lampreia á beiradinha do rio, e *zás!* tarrafa! A ideia vencedora foi a de Pedrinho: “um bom anzol daqueles de aço azul e meio tortinhos, bem escondido dentro dum bombom feito por tia Nastacia.”

O difficil era chegar com o bombom até á boca da lampreia.

— Ha um jeito! resolveu Emilia. O doutor Caramujo pode leva-lo, como sendo um presente.

— Mas onde vamos encontrar o doutor Caramujo?

— Ele vai voltar aqui para me trazer as pilulas que prometeu.

E voltou mesmo. No dia seguinte lá estava ele no pomar, com uma cabacinha





com doze pilulas. Todos o rodearam e atropelaram de perguntas. Depois Pedrinho pediu-lhe que entregasse aqueles dois presentes: um de Narizinho para o principe e outro para a lampreia.

O doutor Caramujo cumpriu fielmente a missão: entregou ao principe o presente da menina, que era uma rosquinha de polvilho, que ele imediatamente colocou na cabeça, como se fosse uma preciosa coroa; e entregou á princesa Lampreia um pacote em papel de seda onde havia um bombom e um carretel de linha. A lampreia, que era gulosissima, não notou que a ponta da linha estava presa ao bombom, e enguliu-o sem mastigar. Instantes depois estava ela fazendo caretas e a debater-se: é que



o anzol escondido no bombom havia enganchado lá dentro em qualquer viscera.

Nesse momento aparece por ali um peixe muito rapido, que toma o carretel e foge com ele na maior velocidade, desenrolando a linha pelo caminho; e leva o carretel para a beira do rio, no pomar, onde Pedrinho e os outros o esperavam. Pedrinho toma o carretel e põe-se a enrolar a linha — e enrolou, enrolou, enrolou, até que, de repente:

— A Lampreia! gritou o visconde.

Era de fato a princesa Lampreia, que, segura pelo anzol, havia sido puxada até á beirinha do ribeirão.

Daí por diante tudo foi facil. Pedrinho, sem medo nenhum, agarrou-a pelo pescoço e depois que todos se regalaram de ve-la, levou-a para tia Nastacia, na cozinha.

A negra assustou-se com aquela “cobra d’agua” que ela nunca tinha visto, mas teve de obedecer as ordens de Pedrinho, que fazia questão de comer lampreia frita ao jantar.

E comeu. No jantar desse dia, a grande novidade foi a travessa de lampreia frita, que todos comeram e gostaram. E ninguem gostou mais do que Narizinho, que ao trincar a carne branca daquela enguia disse:

— Case outra vez com o principe, se for capaz, sua malvada!... e comeu dois pedaços, apesar de ser peixe que “não valia um lambari de rabo vermelho”...

Direitos em português reservados pela
EDITORA BRASILIENSE LTDA. - SÃO PAULO

Direitos em castelhano reservados pela
EDITORIAL CODEX S. R. L. - BUENOS AIRES

Este livro foi criado e executado, excepto no referente à impressão, pela Editorial Codex S.R.L., Capital \$ 120.000, sendo, portanto, a única e exclusiva proprietaria dos direitos de reprodução artística, assim como do sistema de movimentos, o qual acha-se protegido pela patente Argentina Nº 58.804 de 1947 e patentes solicitadas nos demais países de America, Europa e Africa. Depósito feito de acordo com a lei 11.723 - Copyright by Editorial Codex - Printed in Argentina - Impreso, en Argentina. Este livro se acabou de imprimir na primeira quinzena de setembro de 1947, nas oficinas Otero y Parini de Buenos Aires

INDÚSTRIA ARGENTINA





EDITORIAL CODEX

EDITORA
BRASILIENSE LIMITADA
RUA BARÃO DE ITAPETIÑINGA 93
SÃO PAULO — BRASIL